

O devir-criança do espaço

Profa. Ms. Marina Furtado Terra
Universidade Federal de Juiz de Fora

A proposta é problematizar a noção de espaço na Educação. Desnaturalizar o espaço que sempre habitamos, a superfície, como homens, mulheres, pais, professores, profissionais etc. Estar atento, à espreita, perguntando sempre o que acontece quando nada parece acontecer. A noção de espaço hegemônica na modernidade exclui elementos do sensível e suas singularidades, vivenciados no cotidiano. Vai-se à esteira do pensamento da diferença com o francês Gilles Deleuze, que a partir da abertura do alemão Friedrich Nietzsche, propõe o conhecimento não como fruto da relação de sujeito/objeto, e sim, como efeito de relações de forças, que por sua vez configuram modos de existir. Que modos outros de existir estão se configurando? Investe-se numa configuração de forças que se distancia de uma certa noção moderna de espaço e, com isto, propõe-se compor uma reflexão sobre os desafios da educação da e na atualidade. A pesquisa proposta quer pensar, então, uma noção de espaço numa perspectiva de conhecimento outra, que não a de re-conhecimento. Ao olhar para espaços como o da escola e re-ver formas prontas, estagnadas, imutáveis não há possibilidade de criação. Acredita-se que o espaço não é prévio, não é uma forma que pode ser representada. O espaço se inventa no entre. Suas singularidades são afirmadas nesse processo. Interessa-nos olhar para a possibilidade de invenção que é retirada do pensamento por uma filosofia que se constitui desde a antiguidade grega, por um de seus maiores expoentes: Platão. Investir na noção de devir-criança do espaço proporcionou visibilidade aos acontecimentos. Não é interesse criar uma nomenclatura mais completa nem uma outra maneira de conceituar o espaço, mas, principalmente, problematizar a noção de espaço. Não é pretensão deste trabalho superar o espaço entendido como físico, continente dos sujeitos e objetos, ou do espaço produzido pelas relações, mas ao propormos falar em devir-criança do

espaço, não os descartamos, mas inserimos a possibilidade do movimento (KASTRUP, 2000). Devir-criança do espaço porque enquanto devir, o espaço vai se produzindo, fugindo das formas já constituídas e imutáveis, enquanto “[...] a criança quer procurar e inventar, sempre à espreita de novidade, impaciente com a regra” (BERGSON apud KASTRUP, 2000, p. 379). Numa possibilidade do devir-criança do espaço, o espaço é sempre experimental, lança-se ao presente imediato. A espacialidade do devir-criança é a existência. Habita a espacialidade do acontecimento, da experiência, da interrupção da espacialidade matematizada, presa às relações entre sujeito e objeto prontos, acabados. O devir-criança do espaço que se constitui não se faz fora nem descolado do espaço em sua dimensão física e relacional, mas a relação não sendo entre objetos e sujeitos, sendo prévia, configura outra materialidade para o espaço. O devir-criança do espaço não nega o espaço físico, mas opera em seu interior por meio de um movimento de diferenciação e que produz formas que não podem ser antecipadas, pré-vistas. Um espaço que é presente ao presente, é abertura ao desconhecido, ao imprevisível, e nem por isso impossibilitado de ações coordenadas com “objetivos pedagógicos”. Talvez por isso não faça muito sentido investir apenas na oposição espaço continente, espaço relacional e espaço existência. Espaço como sempre preenche de problematizações. De produção do novo. Eis o que pode o devir-criança do espaço. O devir-criança do espaço supõe que sua materialidade é sempre com o fora e que as suas relações são sempre prévias, a potência de inserir a possibilidade da invenção. O devir-criança do espaço começa quando se acessa algo que não estava apenas nos objetos e na sua disposição, nos sujeitos e suas relações, mas nas suas entrelinhas, naquilo que vinha clandestino, invisível aos olhos que veem antigas formas, que são presas de automatismos cognitivos. Esta dimensão do espaço, que “[...] escorrega por entre as formas e, experimentalmente, acessa as intensidades, potências e acontecimentos (KASTRUP, 2000, p. 380)” é o devir-criança do espaço.

BIBLIOGRAFIA

DELEUZE, Gilles. O que as crianças dizem. In: _____. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997 [original 1993]. p. 73-9.

_____. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Lisboa: Relógio d'Água, 2000 [original 1968].

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Devir-Intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível... In: _____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. IV. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997 [original 1980]. p. 8-99.

KASTRUP, Virgínia. O devir-criança e a cognição contemporânea. In: **Psicologia: reflexão e crítica**. Porto Alegre, v. 13, n. 3, 2000. p. 373-82.

KOHAN, Walter Omar. Infância de um pensar (G. Deleuze). In: _____. **Infância**. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 207-35.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).